

Saramago e a concepção de *Ensaio sobre a Cegueira*

Doutor. Rubens Pereira dos Santos (UNESP-Assis)

RESUMO: Durante o período de concepção do romance *Ensaio sobre a Cegueira* (1991 a 1995), Saramago faz relatos periódicos sobre o seu processo de escrita, bem como de suas inquietações a respeito de personagens, problemas de tempo narrativo e outras questões relacionadas ao fazer literário. Estes relatos são encontrados nos *Cadernos de Lanzarote* (vol. I, II e III) e dão ao pesquisador uma dimensão do trabalho do escritor que, mesmo envolvido em inúmeras atividades (palestras, cursos, exposições congressos), ainda encontra tempo para escrever um romance tão instigante e aterrador.

Palavras-chave: cegueira, humanidade, sociedade, romance.

Introdução

O presente trabalho é resultado de algumas reflexões motivadas pelas leituras de obras de José Saramago, derivando, daí, orientações de iniciação científica abordando questões como a forma de construção de personagens, problemas de tempo e espaço, as figuras femininas, enfim um grande número de questionamentos a respeito da obra saramaguiana. *Ensaio sobre a cegueira* e *Ensaio sobre a lucidez* são romances estudados atualmente pelos alunos, sendo que dois destes estudos estão em fase final: o primeiro, pela ótica da representação de personagens, e o segundo, relacionado com a história e a política.

O que mais instiga na obra de Saramago é o seu modo de narrar, o compromisso que o autor tem com o histórico e o social; não há como negar o vínculo de sua obra com problemas que afetaram (e afetam) a sociedade, não apenas a sociedade portuguesa, mas a sociedade humana. *Ensaio sobre a cegueira* constitui-se num belo exemplo disso. Os cegos do romance vivem num território desconhecido que, tanto pode ser Portugal, ou qualquer outra parte do mundo. O escritor tem como medida o homem universal, as mazelas vividas pelos personagens no romance são perfeitamente possíveis no concreto, pois o grande problema da humanidade é a falta de solidariedade e, também, a ganância, o individualismo e a vaidade. As páginas do *Ensaio* são exemplares. Porém, se o leitor buscar na narrativa críticas diretas às questões de comportamento humano, ele terá uma certa decepção. A leitura do romance deve ser acompanhada de um atento olhar do leitor; a cada momento, uma reflexão e, no final, sairá o leitor renovado, ou melhor dizendo, inquieto com o desfecho.

O romance aparece por inteiro após o “ponto final” dado pelo seu autor, contudo os leitores vão – ao longo do tempo – dando múltiplos significados ao texto. Trata-se da “colaboração”, da co-autoria. A co-participação do leitor já é algo bastante comentado pela crítica literária, em Saramago esta situação é bastante palpável. Há uma afirmação dele que é bastante elucidativa: a certa altura de *Cadernos de Lanzarote - Diário III*, diz que o escritor não gosta muito de que lhe perguntem o seguinte: “O que sobrou da idéia que originou a feitura do romance?”.

“Não gostamos porque preferíamos que o leitor imaginasse que o livro nos saiu da cabeça já armado e equipado” (Saramago, 1996. p. 140)

Assim, seria muito importante o acompanhamento das idas e vindas do autor na concepção, redação e resultado final de um romance. Saramago oferece esta possibilidade. No já citado *Cadernos de Lanzarote*, encontram-se elementos que

revelam a trajetória narrativa e a fortuna crítica de alguns de seus romances. O *Ensaio sobre a cegueira*, por exemplo, é apresentado desde a concepção inicial, passando pelos momentos de escrita, de dúvidas e de retomadas, até a conclusão. O nosso texto pretende rastrear o processo utilizado por Saramago.

1. A idéia

Era abril de 1993. Saramago escreve em seu Diário:

Esta manhã, quando acordei, veio-me à idéia o *Ensaio sobre a Cegueira*, e durante uns minutos tudo me pareceu claro – exceto que do tema possa vir a sair alguma vez um romance, no sentido mais ou menos consensual da palavra e do objeto. (Saramago, 1994, p.15)

Como se vê, a idéia inicial – quer dizer – a idéia que ele explicita em abril de 1993, (a idéia original havia surgido em 1991), estava ainda muito vaga. Não sabia ainda se dela sairia um romance, um conto. As dúvidas permaneciam também em relação ao tempo: “...como manter no relato personagens que durem o dilatadíssimo lapso de tempo narrativo de que vou necessitar?” (idem)

A razão da preocupação de Saramago é explicável porque, inicialmente, ele pensou em escrever um romance em que todas as pessoas videntes seriam substituídas por pessoas cegas e, após um tempo, os cegos seriam substituídos por videntes

“As pessoas, todas elas, vão começar por nascer cegas, viverão e morrerão cegas, a seguir virão outras que serão sãs da vista e assim vão permanecer até à morte.” (idem)

A problemática do tempo surgia a partir disso. De quanto tempo ele precisaria para dar conta do processo narrativo. Um século? A partir da idéia, o escritor se vê à volta com problemas de procedimento narrativo. Pensou em inserir “personagens temporárias”, que seriam substituídas se apresentassem qualquer inconsistência na história. Preocupações que, ao longo do processo de escrita, Saramago vai tentando solucionar. Assim, escreve em junho de 1993:

Dificuldade resolvida. Não é preciso que as personagens do *Ensaio sobre a Cegueira* tenham de ir nascendo cegas, umas após outra, até substituírem, por completo, as que têm visão: podem cegar em qualquer momento. Desta maneira fica encurtado o tempo narrativo. (Saramago, 1994. p.64)

1.1. O processo da escrita

Começa a ganhar corpo a idéia, porém, ainda nada tinha sido escrito, o que vem a ocorrer apenas em agosto:

“Escrevi as primeiras linhas do *Ensaio sobre a Cegueira*.” (Saramago, 1994. p. 89)

Portanto, quatro meses após ter anunciado a disposição de escrever o **Ensaio** é que, efetivamente, Saramago começa a elaborar a narrativa. Problemas vários são os responsáveis pela demora: a constante solicitação para palestras, encontros, homenagens, as dúvidas a respeito de como desenvolver o tema. O tempo para o trabalho de escrita era bastante escasso e, mesmo quando estava em Lanzarote, a sua casa estava sempre cheia de visitas. Para o estudioso da obra saramaguiana, a leitura dos **Cadernos** é muito importante, pois ali ele desnuda procedimentos, que se por um lado “dessacraliza” o ato de escrever, por outro apresenta aos olhos de quem o lê, o homem Saramago, às voltas com as palavras. Suas afirmações possibilitam a todos o entendimento de que a escritura não se faz de pronto, de uma sentada várias páginas

escritas, é necessário que o artista busque e rebusque no “baú” todas as ferramentas disponíveis, como mostra na citação seguinte:

Continuo a trabalhar no *Ensaio sobre a Cegueira*. Após um principio hesitante, sem norte nem estilo, à procura das palavras como o pior dos aprendizes, as coisas parecem querer melhorar. Como aconteceu em todos os meus romances anteriores, de cada vez que pego neste, tenho de voltar à primeira linha, releio e emendo, emendo e releio, com uma exigência intratável que se modera na continuação. (Saramago, 1994. p.101)

Como agravante da situação, a causa da demora na escritura do **Ensaio** tem outros componentes: naquela altura, Saramago também escrevia os **Cadernos** e também esboçava a sinopse do *Livro das Tentações*. Este trabalho múltiplo foi alvo de um comentário:

Em trinta anos que já levo de escritura...nunca me tinha sucedido trabalhar em mais de um livro ao mesmo tempo. Para mim, era como uma lei sacrossanta que, enquanto não chegasse ao fim de um livro, não poderia nem deveria principiar o seguinte. Ora, eis que, de um momento para outro, talvez porque, em Lanzarote, cada novo dia me aparece como um imenso espaço em branco e o tempo que por ele vai escorrendo lentamente, passo com toda a facilidade destes **Cadernos**, também destinados a serem livro, ao *Ensaio sobre a Cegueira*, e deste ao *Livro das Tentações*... (Saramago, 1994. p. 104)

Ao falar do *Livro das Tentações* em que ele recorda momentos de sua infância e juventude, Saramago afirma que o **mundo do Ensaio** que estava a imaginar era totalmente contrário ao mundo de sua infância: **era um mundo medonho**. (Saramago, 1994. p. 105.)

O primeiro capítulo do **Ensaio** foi finalizado no dia 30 de agosto de 1993. Aparentemente inseguro com o resultado, Saramago revela:

“Terminado o primeiro capítulo do **Ensaio**. Um mês para escrever quinze páginas...Mas Pilar, leitora emérita, diz que não me saí mal na empresa.” (Saramago, 1994. p.112)

Há um silêncio de agosto a novembro de 1993. Nada sobre o processo de escrita, nada sobre as preocupações. Em 25 de novembro escreve:

Em que ponto está o *Ensaio sobre a Cegueira*? Parado, dormindo, à espera de que as circunstâncias, mesmo quando parecem propícias, não perdem a sua volubilidade natural, precisam de uma mão firme e boa conselheira. Até ao fim do ano...não terei mais remédio que deixá-las à solta...mas logo a seguir tratarei de as prender curto. (Saramago, 1994. p.161)

Quebrando um pouco a sua intenção de voltar ao **Ensaio** somente no ano de 1994, o escritor volta ao trabalho ainda no ano de 1993. Em 17 de dezembro, afirma:

Voltei – timidamente – ao *Ensaio*. Modifiquei umas quantas coisas, e o capítulo ficou bastante melhor: a importância que podia ter usar uma palavra em vez de outra, aqui, além, um verbo mais certo, um adjetivo menos visível, parece nada e afinal é quase tudo. (Saramago, 1994. p. 173)

1.2. A retomada

Visivelmente disposto a terminar o **Ensaio** em 1994, Saramago considera importante deixar de lado o que chama de “desculpas cômodas” como o trabalho em mais de um projeto, as constantes viagens, a casa cheia. Intenção anunciada no início do

ano de 1994 (Saramago, 1995. p. 9), que veio a ser parcialmente cumprida. Somente em abril de 1994, é que o escritor faz alusão ao romance

“...sentei-me a trabalhar no Ensaio sobre a Cegueira, ensaio que não é ensaio, romance que talvez o não seja, uma alegoria, um conto “filosófico”, se este fim de século necessita tais coisas.” (Saramago, 1995. p. 101)

Contudo, nem sempre as coisas correm como se quer. Muitos ficcionistas afirmaram que quando se constrói personagens fortes, chega determinados momentos em que o autor perde o controle sobre eles. Com Saramago acontece o mesmo:

Passadas duas horas achei que devia parar: os cegos do relato resistiam a deixar-se guiar aonde a mim mais me convinha. Ora, quando tal sucede, sejam as personagens cegas ou videntes, o truque é fingir que nos esquecemos delas, dar-lhes tempo a que se creiam livres, para no dia seguinte, desprevenidas, lhes deitarmos outra vez a mão...(idem)

Nota-se que o trabalho artístico tem que ser paciente. O ficcionista deve saber a hora de começar, de parar, de recomeçar. Não há porque afobar-se. A gestação de uma obra literária é longa na maioria das vezes, no caso do Ensaio ocorre o mesmo, tanto é que mereceu um desabafo de Saramago em julho de 1994

“O Ensaio saiu do atoleiro em que tinha caído há já não sei quantos meses. Pode vir a cair noutro, mas deste safou-se.” (Saramago, 1995. p. 149-150)

Na seqüência do relato, ele explica o que aconteceu

Há uns poucos dias que eu tinha decidido deixar de lado dois capítulos que se haviam convertido numa daquelas armadilhas onde se pode entrar com toda a facilidade, mas donde não se sai. O novo rumo aparecia-me animador, abria perspectivas. Em todo o caso, ainda não me sentia completamente seguro. Foi então que andando por aí, hoje, me sucedeu (...) a “revelação” não foi tão completa, mas sei que vai determinar um desenvolvimento coerente da história, antes atascada e sem esperanças...o caminho por onde estava a querer ir não me levaria a lado nenhum. (idem)

Contudo, os problemas ainda persistiam, algumas dificuldades foram superadas, soluções foram encontradas, Saramago chegou mesmo a afirmar que se encontrou numa encruzilhada, não via saídas. Sabe-se que, às vezes, as opiniões dos escritores acerca de suas obras podem não corresponder à realidade do texto e, muitas vezes, o autor em relatos pessoais chega a “fingir”. Assim deve-se levar **com cautela** afirmações dos artistas, mas no caso do **Ensaio**, parece que Saramago não finge, e, mesmo que haja uma boa dose de invenção em seus relatos, isto não anula a importância de seus depoimentos, pois no momento em que estava a dizer algo sobre determinado assunto, o seu ponto de vista estava sendo colocado. Na verdade, alguns exageros do escritor são encontrados, como quando ele fala da “revelação”, diz que “nem um gênio salvaria a obra”, se ela continuasse por aquele caminho. Exagero, falsa modéstia, seja lá o que for, pois o leitor crítico verá que o romance só poderia ter saído a cabeça de um gênio. Claro está que a saída encontrada foi dele, por que a buscou com persistência. O projeto de escritura do **Ensaio** foi tomando corpo e, mesmo com relação a personagens Saramago foi desenovelando até chegar ao estágio desejado:

Uma coisa seria querer fazer um romance sem personagens, outra pensar que seria possível fazê-lo sem gente. E esse foi o meu grande equívoco quando imaginei o *Ensaio sobre a Cegueira*. Tão grande ele foi que me custou meses de desesperante impotência. Levei demasiado tempo a perceber que os meus cegos podiam passar

sem nome, mas não podiam viver sem humanidade. Resultado: uma boa porção de páginas para o lixo. (Saramago, 1995, p. 158)

De julho (dia 24, última referência ao romance) a dezembro de 1994 não há qualquer menção nos **Cadernos** a respeito do desenvolvimento do trabalho. Apesar da disposição no início do ano, ele não conseguiu levar a cabo sua missão, dera grandes passos sem dúvida, mas deixou para 1995 a finalização da narrativa. Os progressos estavam evidentes, contudo ainda faltariam alguns meses para o término da obra.

1.3. Enfim, o romance

Janeiro de 1995 começa com uma referência rápida ao Ensaio. Citando uma carta de um amigo que perguntava sobre o romance, Saramago disse que responderia que “Avança” (Saramago, 1996, p. 19). Em março, num Colóquio em Braga, Saramago faz algumas reflexões a respeito do Ensaio, ressaltando o pessimismo existente na narrativa, inquietações do autor em relação a tudo isso. Ele faz uma menção ao pessimismo recorrente da literatura portuguesa:

Desta vez, a expressão do pessimismo de um escritor de Portugal não vai manifestar-se pelos habituais canais do lirismo melancólico que nos caracteriza. Será cruel, descarnado, nem o estilo lá estará para lhe suavizar as arestas. No *Ensaio* não se lacrimam as mágoas íntimas de personagens inventadas, o que ali se estará gritando é esta interminável e **absurda dor do mundo**. (Saramago, 1996, p. 58)

Esta afirmação do escritor vem ratificar o que se afirmou na introdução, o autor está representando no romance o ser humano com todas as suas fraquezas, com toda a sua humanidade. A proposta do autor era a de representar a realidade concreta, de, através da ficção, desnudar o comportamento humano. A “crueldade” da narrativa está na razão direta da atuação humana, de um olhar indiferente em relação ao outro, do individualismo que domina a sociedade. Saramago – como autor comprometido com o social – sofre ao narrar comportamentos mesquinhos, mas sente a necessidade de denunciar o comportamento hipócrita e cruel do homem. A barbárie está presente nas relações, a temática do Ensaio leva o leitor a refletir sobre a questão e, quem sabe, a reflexão poderá levá-lo a agir no sentido de atenuar, ou mesmo eliminar tais comportamentos.

Em junho, Saramago volta a falar sobre o Ensaio:

Voltei ao Ensaio. Com a disposição firme de levá-lo desta vez ao fim, custe o que custar. Durante todo o tempo que andei por fora, amigos e conhecidos não pararam de me perguntar pelos meus cegos. Chegou a altura de eles responderem por si mesmos. (Saramago, 1996, p.132)

Realmente foi o que aconteceu. Disposto a terminar o romance o mais rápido possível, o escritor dedicou grande parte de seu tempo à escritura do livro. E em 9 de agosto de 1995 anuncia o término do romance:

Terminei ontem o Ensaio sobre a Cegueira, quase quatro anos após o surgimento da idéia...Lutei, lutei muito, só eu sei quanto, contra as dúvidas, as perplexidades, os equívocos que a toda hora se me iam atravessando na história e me paralisavam. (Saramago, 1996, p. 140)

Fala também do sofrimento que lhe causou a narrativa dos horrores vividos pelos personagens, com o término do romance também ele não sofreria mais. Na **Introdução** falou-se da pergunta que nenhum escritor gosta: o que teria ficado da primeira idéia? Para Saramago, a resposta seria a seguinte:

“...direi que ficou tudo e quase nada: é verdade que escrevi o que queria, mas não o escrevi como o tinha pensado.” (Saramago, 1996, p 140)

De fato, há muita diferença entre o romance entregue ao público e a idéia original de 1991, que sofreu alterações significativas. As anotações de Saramago são elucidativas:

Começam a nascer crianças cegas. Ao princípio sem alarme: lamentações, educação especial, asilo. À medida que se compreende que não vão nascer mais crianças de visão normal, o pânico instala-se. Há quem mate os filhos à nascença. Com o passar do tempo vão morrendo os “visuais” e a proporção “favorece” os cegos. Morrendo todos os que ainda tinham vista, a população da terra é composta de cegos apenas. Um dia nasce uma criança com a vista normal: reação de estranheza, algumas vezes violenta, morrem algumas dessas crianças. O processo inverte-se até que – talvez – volte ao princípio uma vez mais...”(Saramago, 1996, p. 140-141)

Como se pode notar, as mudanças foram muito importantes. Conservou-se a idéia original, uma narrativa em que os personagens fossem cegos, entretanto da gestação ao nascimento as coisas foram se modificando. Saramago esboçou uma possível pergunta sobre o que teria ficado da idéia inicial, o leitor por sua vez, teria uma dúvida: **Com as modificações ocorridas, o romance ficou melhor? Ou ficaria melhor se o autor seguisse a idéia original?** Claro que é uma pergunta hipotética, não tão fácil de responder. Arriscar uma resposta seria difícil demais, pois se joga no campo das especulações, uma vez que o que se tem é um texto só. O que se pode dizer é que o romance como está é um primor, não haveria nenhuma necessidade de alterá-lo.

Conclusão

Na realidade, não há na acepção da palavra, uma conclusão para o presente trabalho. Ele é fruto, como já foi dito no início, de um estudo desenvolvido com alunos do curso de Letras (Graduação e Pós-Graduação) e terá seqüência ainda. O recorte que se fez ao apresentar o processo de criação do *Ensaio sobre a Cegueira* foi para mostrar os passos seguidos por Saramago na construção do romance. Talvez com a leitura atenta e crítica do romance, aliada às colocações do escritor sobre o seu processo narrativo, o crítico tenha uma visão mais completa do *Ensaio sobre a Cegueira*. O que não deixa dúvidas é que o autor do **Ensaio** construiu uma galeria de personagens inesquecíveis, todos eles muito bem representativos da sociedade. Personagens plenos de humanidade (pode-se citar aqui o médico e a sua mulher), como queria o próprio Saramago. Humanidade esta presente em outros escritos do autor, em personagens como a Blimunda do *Memorial do Convento*, o Raimundo Silva de *História do Cerco de Lisboa*, o Tertuliano Máximo Afonso de *O Homem Duplicado*, para citar apenas três.

Referências Bibliográficas

- SARAMAGO, José. *Cadernos de Lanzarote – Diário I*. Lisboa: Caminho, 1994.
_____. *Cadernos de Lanzarote – Diário II*. Lisboa: Caminho, 1995.
_____. *Cadernos de Lanzarote _ Diário III*. Lisboa: Caminho, 1996.

